

## **Reflexões sobre a minha prática: Saindo da heteronomia para autonomia.**

Ao entrar na Escola Experimental há cinco anos atrás comecei a estudar nas formações de professores sobre a moralidade infantil. O primeiro livro que tive acesso foi: “O educador e a Moralidade Infantil: Uma visão construtivista” de Telma Vinha. Não tem como ler esse livro e não questionar a sua prática. Os relatos trazidos sobre condutas que não favorecem a autonomia servem como um espelho onde vamos identificando os equívocos que reproduzimos em nossa sala de aula. Em seu livro ela coloca: “Mas quais seriam os objetivos da educação voltada a questão da moralidade? Para Jean Piaget (1967), o objetivo principal é formar personalidades autônomas e aptas a cooperar.” (VINHA, p.46). Como formar personalidades autônomas? Como favorecer um ambiente cooperativo? Telma Vinha responde a esses questionamentos e a muitos outros que surgiram em minha cabeça em seu livro. Mas é suficiente estudar o livro para que sua prática se torne diferente? O que é realmente necessário para mudança? Para mim o foco é o professor e a sua disponibilidade em rever, analisar, experienciar e constatar onde e como ele se encontra.

E a partir disso surgiram outras indagações:- “Sou um sujeito autônomo? De que maneira isso se revela em minha prática? Qual o sentido de estar em sala de aula apenas reproduzindo um modelo? E finalmente qual modelo educativo eu quero para os meus alunos? Ele está traduzido em minha sala de aula?”

Para responder esses questionamentos o educador tem que entrar em contato com ele mesmo, com seus valores e com o que já construiu durante o seu percurso e com o que ainda falta construir. Aceitar que ainda não faz em sala de aula o que gostaria porque deposita na instituição na qual trabalha o controle da sua mudança, como uma criança, aguardando que a direção lhe diga o que fazer. “A maioria dos adultos permanece heterônoma, isso fica evidente quando responsabilizamos o outro por nossas atitudes, reações, sentimentos ou justificamos o nosso agir pelo fato de que é isso que é esperado de nós.” (VINHA, P.50)

O professor precisa estar ciente que todo conteúdo, seja ele moral ou não, precisa reverberar antes dentro dele, tornar-se presente no seu cotidiano e evidente em suas ações. A construção da moralidade não pode ser algo estanque, onde seja colocado em prática apenas na sala de aula. O discurso moral para ser efetivo no contexto da sala de aula tem que vir carregado de vivências pelo docente em outros contextos da sua vida e reafirmado em suas condutas pedagógicas.

O repensar de uma prática pedagógica precisa surgir da necessidade do professor em se reavaliar, em perceber que o caminho construído por ele foi embasado em crenças e valores que reforçam o lugar do sujeito heterônomo. Após uma autoanálise criteriosa e sincera a busca desse educador deve acontecer a partir de outros referenciais onde o ser autônomo seja o alicerce para uma nova construção.

Retomar esses estudos em grupo salientaram a necessidade de que os temas como: “Formação da Personalidade Ética” e “Valores Sociomorais em debate”, e outros relacionados a convivência ética na escola estejam sempre presentes nas formações de professores para que cada vez mais o discurso seja transposto para a prática nas relações cotidianas. “Não adianta tentarmos ensinar a moralidade, pois ela é constituída a partir da interação do sujeito com o meio em que vive” (VINHA, p.40) Precisa estar claro para nós professores que as nossas atitudes estão impregnadas dos valores que nós carregamos e escolhemos como referencial. E as formações e cursos só serão efetivos se estivermos abertos a mudar.

A proposta de ter um grupo de estudos onde se fale sobre convivência ética na escola nos coloca em contato com uma teoria que vai nos mostrar o quanto temos a aprender sobre moral e ética, o quanto a educação necessita estar embasada em valores para que ela contribua para uma sociedade melhor. E qual o papel de nós professores na adesão a esses valores?

Se tem um jeito de começar é estudar, é constatar o abismo entre o que idealizamos e o que fazemos, é diagnosticar as nossa pequenas conquistas (e as nossas trocas de experiências durante o grupo de estudo foram enriquecedoras), é ver que começamos a semear, já despertamos o sinal de alerta e precisamos fazer diferente, já identificamos que existem outras formas de convivência que favorecem ao desenvolvimento moral. Mesmo que seja um desejo institucional se o professor não aderir à proposta e de maneira autônoma e constatar a necessidade de rever suas posturas, a transformação da sala de aula em um ambiente cooperativo acontecerá apenas no plano das ideias.

A partir dos dilemas trazidos podemos nos ver durante o grupo de estudo. Enxergar o quanto estamos impregnados do personalismo e o quanto deixamos de lado o bem comum para a satisfação de algo para o próximo mais próximo. Quais são verdadeiramente os valores que acreditamos? Durante os estudos ficou claro que não é apenas a crença nos valores que vai garantir que eles sejam colocados em prática. Em seu livro “Respeito é bom e eu gosto!” Luciene Tognetta e outros autores

“trazem três modos de adesão aos valores: uma perspectiva individualista ou egocêntrica, outra centrada nas relações próximas e em regras convencionais, nomeada como sociocêntrica, e, finalmente, a última delas e a mais evoluída que chamamos de moral, que se baseia em contratos estabelecidos democraticamente por procedimentos justos.”(TOGNETTA E MENIN, p.89).

É necessário que cada vez mais nos aproximemos da conduta moral que está respaldada no agir autônomo. Senão estaremos apenas na ilusão que vivenciamos em nossos espaços escolares os valores morais enquanto ainda estamos mergulhados na heteronomia reproduzindo discursos pautados em contravalores.

Cabe a nós professores a mudança que queremos ver em nossas escolas. Não podemos ficar reféns a espera de uma mudança institucional. O nosso fazer

precisa estar impregnado do que acreditamos, pois como afirma Luciene Tognetta “Aderir a um valor moral depende de um sistema interno de significados construídos na relação com o meio e da legitimação desse valor pelo sujeito” (p.114). A escolha em trazer esses temas para a escola, realizar grupos de estudos e congresso contribui para retirada de todos os participantes do contexto escolar da sua zona de conforto, suscita dúvidas, traz inquietações, nos faz repensar. E o quanto são bem-vindos esses conflitos internos, essas elucubrações! Voltamos a condição de aprendizes!

Lídice Oliveira